

## **cabecalho**

# **A RELAÇÃO DO GÊNERO FEMININO E MASCULINO NO CURSO TÉCNICO DE MECÂNICA DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – CAMPUS VITÓRIA**

**Eraldo José dos Santos<sup>1</sup> e Luis Antonio da Silva<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Instituto Federal do Espírito Santo – campus Vitória

<sup>1</sup>(jsantos@ifes.edu.br)

<sup>2</sup>Instituto Federal do Espírito Santo – campus Vitória

<sup>2</sup>(lasilva@ifes.edu.br)

## **RESUMO**

A proposta deste trabalho foi analisar a presença de preconceito em relação à mulher no curso Técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES – campus Vitória. A metodologia utilizada foi do tipo exploratório – descritivo, numa abordagem qualitativa – quantitativa com procedimentos técnicos de estudo de caso, usando como instrumento de coleta de dados o questionário. Participaram da pesquisa 126 alunos. Os resultados dos dados coletados foram apresentados por meio de tabela de frequência absoluta e percentual. Os dados percentuais sobre o preconceito entre os gêneros foram analisados pela aplicação do teste Qui Quadrado ( $\chi^2$ ), que tem como princípio básico comparar proporções, revelando um resultado de 5% de significância. Os dados quantitativos foram tratados pelo método estatístico utilizando o software IBM SPSS 20.0. Após análise dos resultados concluiu-se que há um nível de significância em relação ao gênero masculino e feminino no Curso Técnico em Mecânica do IFES – campus Vitória.

**Palavras-Chave:** educação, curso técnico de mecânica, gênero, preconceito.

## **ABSTRACT**

The purpose of this study was to analyze the presence of prejudice against women in Mechanics Technical course at the Federal Institute of Espírito Santo - IFES – Vitória campus. The methodology used was the exploratory - descriptive, with a qualitative-quantitative approach with technical procedures of case study, using as instrument to collect data the questionnaire. Attended the research 126 students. The results of the collected data were exhibit by absolute and percentage frequency table. The percentage data about prejudice between genders was analyzed by applying the Square Chi test, whose basic principle compare proportions, revealing a result of 5% significance. The quantitative data was analyzed by statistical method using IBM SPSS 20.0 software. After analysis of the results, it was concluded that there is a significant level in comparison of the male and female students in the Technical Course in IFES – Vitória campus.

**Keywords:** education, Mechanics Technical course, genre, prejudice.

## **INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Professor do Instituto Federal do Espírito Santo – campus Vitória.

<sup>2</sup> Doutor em Educação, Professor do Instituto Federal do Espírito Santo – campus Vitória.

A partir do momento em que a mulher adquiriu condição de participar das discussões familiares e da inserção no mercado de trabalho por condição da família moderna, o gênero feminino se vê no direito e obrigação de adquirir novos conhecimentos acadêmicos para participar de maneira igualitária à do gênero masculino. Daí a necessidade de aprofundar seus estudos e dedicar-se mais às ações laborais para atingir remunerações aceitáveis por suas horas de trabalho. Mas, com sua jornada dupla, cuidados com o espaço doméstico e familiar, além da jornada laboral, ela passa a ter mais sobrecarga. Isto ocorre na família brasileira a partir do momento em que o gênero feminino percebe a necessidade de, cada vez mais, trabalhar fora de casa e contribuir com a renda da família.

Esse modelo da família tradicional de classe média brasileira, que consagrava uma divisão clara de papéis em que geralmente o homem se envolvia no trabalho remunerado, enquanto a mulher se dedicava aos afazeres da vida familiar (incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos), passa a não ser mais tão comum em nossa realidade como no século XIX e início do século XX (FLECK; WAGNER, 2003).

Já no início do século XX, cresceram os questionamentos sobre o papel feminino na sociedade. Isso acontece devido à sua visibilidade como agente social e histórico e ao fato de o termo gênero tornar-se uma forma de indicar construções sociais, sendo o corpo sexuado e biológico uma justificativa para as identidades subjetivas dos homens e das mulheres dentro de cada cultura (FERREIRA, 2007).

A visão da mulher para o surgimento de um novo modelo societário econômico, o aumento do seu grau de escolaridade e os direitos básicos para o exercício da cidadania tornaram elementos centrais para o desenvolvimento deste trabalho, que teve por objetivo analisar a possível presença de preconceito em relação à mulher no curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória. Além de averiguar se existe tratamento diferenciado, nas aulas, para os gêneros feminino e masculino no curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – campus Vitória.

Marinho; Ferreira (2011) ressaltam que, apesar das conquistas obtidas nas últimas décadas, ainda existem muitos desafios que o gênero feminino precisa superar em situação de real igualdade, no que diz respeito ao acesso à escolarização, e que talvez um dos aspectos mais desafiante a ser mencionado envolva a necessidade de a mulher conciliar as funções familiares com as acadêmicas e profissionais.

Além disto, o preconceito contra o gênero feminino tem contribuído para acentuar a diferença entre os gêneros. Rosa et al. (2008, p. 181) informam que “diferentes autores buscam definir o que é preconceito. Apesar de divergirem em alguns aspectos, são unânimes ao definir que ele é um conceito antecipado de julgamento do outro”.

No Brasil, o preconceito começa pela prática de subordinação que se faz presente no gênero feminino em relação ao masculino, que ideologicamente é o poder, o patriarcal. Assim, a sociedade construiu todo o imaginário de interpretação dessa prática em virtude de a mulher apresentar atitude passiva e submissa. Tal compreensão desse fenômeno ocorre pela própria interpretação que a historiografia realizava da tutela que o homem exercia sobre a mulher, tutela que está diretamente relacionada à ordem econômica e ao controle político da sociedade. Na primeira, pela dependência econômica da mulher para com o homem e a rígida divisão social do trabalho; no segundo, pela manutenção da supremacia masculina (NADER, 2001).

Conceição (2009, p. 748) destaca que “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos; o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder”.

No Brasil e no exterior, em consequência das críticas aos processos escolares como formadores e reprodutores de desigualdades sociais, emergiram discussões acerca da necessidade de se elaborarem pedagogias feministas ou práticas educativas não sexistas. Trata-se de um debate ainda em curso, com base em diferentes posições teórico-metodológicas e mediante uma multiplicidade de encaminhamentos, proposições e limites (LOURO, 2004).

Para as situações apresentadas acima surgem o seguinte problema como é a relação do gênero feminino e masculino no curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória?

Levando em consideração este problema pode-se levantar a seguinte hipótese: o preconceito em relação ao gênero feminino pode contribuir para a queda no desempenho acadêmico no curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória?

Para esta pesquisa considera-se como um ponto relevante, no campo social, o aumento de ações e debates em torno da necessidade de políticas educacionais voltadas para a promoção da equidade de gênero, assim como de políticas educacionais para uma educação e pedagogia não sexista, em direção a uma educação para a igualdade, respeitando, valorizando e levando em conta as diferenças individuais.

Outro ponto relevante são as demandas trazidas pelas estudantes no sentido de oficializar essa formação. A reflexão em torno da relação da juventude com a escola vem ganhando novos contornos nos últimos anos. Até os anos noventa do século passado, as pesquisas concentravam-se na instituição escolar, enfatizando aspectos estritamente pedagógicos, sem levar em conta as múltiplas dimensões da experiência escolar muito menos as experiências das jovens fora da escola, inexistindo nexos empíricos e teóricos capazes de absorver outras dimensões da experiência da mulher.

Além disto, nos últimos anos, constata-se a incorporação de novas temáticas e abordagens, que contribuem para a compreensão mais ampla dos estudos de gênero e de suas relações com a escola e com o meio social, incluindo aí a relação com o trabalho. Ao mesmo tempo, verifica-se o aumento de ações e de debates em torno da necessidade de políticas educacionais voltadas para a promoção de políticas públicas para adolescentes e jovens, com o objetivo de reduzir a vulnerabilidade juvenil expressa. Há também uma preocupação com os elevados índices de desemprego e abandono da escola, sobretudo por jovens do sexo feminino.

Academicamente, vale destacar que a inclusão do debate sobre a diversidade sexual e de gênero no espaço acadêmico ocorre desde meados da década de 1970 e deve-se, historicamente, à pressão dos grupos feministas e dos grupos gays e lésbicos que denunciaram a exclusão de suas representações de mundo nos programas curriculares das instituições escolares, inclusive nas pesquisas acadêmicas.

A grande guinada nos estudos de gênero ocorreu nos anos noventa, quando em alguns dos trabalhos desse período estavam as pesquisas da historiadora brasileira Guacira Lopes Louro acerca da exclusão das minorias de gênero na história da educação. Desde então, pesquisadoras/es da área da educação, de importantes centros universitários do país, têm debatido vários temas, como preconceito, gênero e diversidade sexual sob um aspecto culturalista, rompendo com o paradigma biologizante predominante.

Assim, atualmente, faz-se necessária e urgente a discussão desses temas de forma mais aprofundada, pois a escola não pode se eximir da responsabilidade de discutir determinados temas, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997).

Na qualidade de educador, a realização desta pesquisa poderá contribuir para formação integral dos alunos e das alunas do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, visto que a educação se tornou o modo predominante na sociedade nos dias de hoje, no que diz respeito à emergência da categoria gênero como uma categoria de análise definidora dos papéis sexuais a serem desempenhados por homens e mulheres na sociedade.

Em relação à estrutura do trabalho, a metodologia desenvolvida foi de natureza qualitativo-quantitativa, exploratória e descritiva, com procedimentos técnicos de estudo de caso.

## FORMALISMO

Esta pesquisa se caracterizou como um estudo qualitativo-quantitativo, exploratório e descritivo, apresentado em formato de estudo de caso, com coleta de dados baseados na aplicação de questionário com questões fechadas e abertas, e utilizou de técnicas de survey, por meio da coleta de dados e aplicação de questionário aos alunos do curso técnico integrado de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, permitindo compreender o papel da mulher no sistema educacional desta instituição.

Desse modo, a pesquisa conduziu para linha qualitativa quando transcorre por meio do registro preciso e detalhado do que acontece em determinado ambiente (THOMAS; NELSON, 2002); para a quantitativa quando se caracteriza na forma de lidar com números, usando modelos estatísticos para explicar os dados, podendo ser centrada ao redor do levantamento deles e de questionários, apoiada pelo software SPSS (Statistical Package for Social Sciences) (BAUER; GASKELL, 2004).

Em relação aos objetivos, esta pesquisa foi considerada como exploratória e descritiva. Como exploratória, sua principal finalidade consiste em desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problema mais preciso ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores; como descritiva, descreve as características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 1994). Além disso, a pesquisa exploratória é flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002), e a descritiva constitui estudos caracterizados pela necessidade de explorar uma situação não conhecida, da qual se tem necessidade de mais informações (LEOPARDI et al., 2001).

Quanto aos procedimentos técnicos tratou-se de um estudo de caso, relativamente ao qual Thomas, Nelson e Silverman (2006) afirmam que uma das principais vantagens da abordagem do estudo de caso é aproveitá-lo na formulação de novas ideias e hipóteses sobre áreas problemáticas, especialmente nas áreas onde não existam estruturas nem modelo bem definido.

Reforça essa classificação a prática de registros, rotinas e detalhamento de situações observáveis, bem como a aplicação de técnica de survey, que, segundo entendem Thomas e Nelson (2002), é uma técnica de pesquisa descritiva que procura determinar práticas presentes ou opiniões de uma população especificada.

O local da pesquisa foi realizado no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), localizado em Vitória – capital do Estado do Espírito Santo – Brasil, sendo a população constituída de alunos de ambos os sexos do curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – campus Vitória, com a amostra composta de 62 pessoas do gênero feminino (100% do curso) e 64 pessoas do gênero masculino para a comparação dos dados obtidos de forma intencional. No período de agosto a dezembro de 2014, foi realizada a pesquisa em grupo, e cada aluno (a) recebeu um questionário a que deveria responder em sala de aula.

Quanto às variáveis do estudo, foi possível estabelecer uma relação de causa e efeito no momento em que a mulher faz parte dos sujeitos da pesquisa. A variável dependente esteve representada pela questão de gênero dos sujeitos da pesquisa. Foi mensurado o interesse da mulher de estar presente no curso Técnico e Integrado de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória.

Cabe ressaltar que tal mensuração ocorreu por meio de questionário, instrumento que foi validado por doutores, que teve um teste piloto para a fidedignidade dele. A variável independente foi representada pelos (as) alunos (as) do curso técnico e Integrado de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, constituído por todas as turmas que teriam quatro anos para a conclusão do curso.

Para delimitação do estudo foi preciso apontar aqui algumas limitações metodológicas deste estudo. Por tratar-se de amostra de conveniência, foi escolhida intencionalmente uma escola pública, com alunos de vários bairros, para efeito de contraste da realidade socioeconômica e cultural dos estudantes. Assim, não se conta

com uma amostra representativa de todos os estudantes da cidade de Vitória/ES. Portanto, possíveis generalizações dos dados puderam ser feitas apenas com muita cautela.

Apresentou-se um esclarecimento do que é a pesquisa para evitar recusas por parte dos (as) alunos (as) em responder aos questionários nas salas de aula. Isso talvez se faça para obter um extremo cuidado no esclarecimento dos (as) alunos (as) sobre os objetivos da pesquisa e na garantia enfática do anonimato. Entretanto, essa é uma limitação de qualquer pesquisa realizada em escolas. De qualquer forma, o entrevistador observou que, nos dias de aplicação, a classe estava, de modo geral, cheia, o que constatou não ter havido faltosos (as) para a realização da pesquisa.

Foi utilizado para instrumento de pesquisa um questionário com questões fechadas e abertas para apuração do preconceito contra a mulher no curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória.

Para os procedimentos da coleta de dados, na primeira fase da pesquisa foi realizado um diagnóstico, por meio de um questionário, com os alunos envolvidos na pesquisa. Após a realização, o questionário foi encaminhado aos professores doutores de diversas áreas de estudo para validação.

Com a validação dos questionários, eles foram aplicados ao grupo de alunos (as) do curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória em sala de aula para facilitar o recolhimento.

Para o tratamento estatístico foi realizado a análise descritiva dos dados por meio de tabela de frequência relativa e absoluta. A comparação dos percentuais de preconceito entre os gêneros foi realizada mediante o teste Qui Quadrado ( $\chi^2$ ). O nível de significância adotado foi de 5%. O pacote estatístico IBM SPSS 20.0 foi utilizado nesta análise.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 1 - Dados sobre preconceito de estudantes do curso de Mecânica do IFES do município de Vitória/ES.

<i><b>Característica</b></i>	<i><b>Número</b></i>	<i><b>Percentual</b></i>
Presenciou algum tipo de preconceito		
Sim	31	24,6
Não	95	75,4
Prefere trabalhar com		
Homens	14	11,1
Mulheres	5	4,0
Indiferente	107	84,9
Na sociedade, há expectativas diferentes quanto à profissão de homens e mulheres?		
Sim, são muito diferentes	23	18,3
Sim, em alguns aspectos	95	75,4
Não existem	8	6,3
A escola estimula/incentiva habilidades diferentes para homens e mulheres?		
Sim	48	38,1
Não	78	61,9
Percebe nos professores preconceito contra as mulheres no curso de Mecânica?		
Sim	20	15,9
Não	106	84,1
<b>Total</b>	<b>126</b>	<b>100,0</b>

Na tabela 1, quanto à presença de algum tipo de preconceito no curso de Mecânica do IFES do município de Vitória/ES, alguns alunos informaram que sim (24,6%). Esses dados demonstraram que, mesmo com um percentual pequeno, ainda há preconceito em relação a gênero no curso, o que não deveria ocorrer em virtude de o mercado de trabalho hoje absolver pessoas tanto do gênero masculino quanto do feminino.

Segundo Pinheiro (2011, p. 20), “[...] o tema de gênero não está resolvido nesta área, sobretudo, porque muitos são os desafios marcados pelo sexismo enfrentado pelas mulheres nos bancos escolares e na carreira acadêmica [...]”.

França; Felipe; Calsa (2008, p. 2) argumentam que a “construção de conceitos envolve conhecimentos transmitidos pela escola, pelos meios de comunicação, pela família e outros meios disponíveis na vida cotidiana. Esses conceitos relacionados à formação da identidade do indivíduo resultam em alguns modelos”.

Outro dado importante na Tabela 1 foi a preferência de trabalhar com homem ou mulher, 84,9% são indiferentes relativamente à escolha do parceiro para a realização das tarefas laborais, enquanto 11% preferem trabalhar com homens.

Segundo Nadai (1991, p. 6), “mesmo nas áreas mais dinâmicas da economia brasileira, a profissionalização feminina, embora fato marcante e generalizado, ainda é influenciado pela origem sexual”. Algo que é proibido de acordo com a Constituição Brasileira, no seu art. 5.º, “item I – a igualdade de homens e mulheres em direitos e obrigações” (BRASIL, 1988, p. 5).

Segundo Chies (2010, p. 507), “nas últimas décadas do século XX, o Brasil passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que interferiram diretamente no aumento do trabalho feminino”, com isso facilitando a aceitação do gênero feminino na realização de tarefas laborais em comum acordo com o gênero masculino.

Sobre o item *existência na sociedade de expectativas diferentes quanto à profissão de homens e mulheres*, na Tabela 1, os alunos (as) do curso técnico de Mecânica do IFES, Campus Vitória, responderam que sim em alguns aspectos (75,4%), enquanto outros (as) responderam sim, são muito diferentes (18,3%) e 6,3% disseram que não existem.

Nesse caso, Teixeira; Gomes (2005, p. 328) informam que essa diferença ocorre por haver “a decisão de carreira que deve estar associada à percepção de cada indivíduo acerca das suas possibilidades pessoais de conseguir um trabalho satisfatório dentro da sua profissão”.

Com relação ao item da Tabela 1 – a escola estimula/incentiva habilidades diferentes para homens e mulheres, 38,1% disseram sim, enquanto 61,9% disseram não. Isso demonstra que a instituição prima por valorizar a educação de alguma forma igualitária para a questão de gênero, mesmo tendo alguns que consideram que há incentivo para diferença entre homens e mulheres.

Essa situação ocorre por desconsiderar a distinção de sexo, não apenas no aspecto das diferenças existentes entre homens e mulheres, mas principalmente dos valores masculinos e femininos presentes nas escolas, que podem ser utilizados para veiculação de estereótipos e interferência na produção e reprodução de preconceitos de gênero (VIANNA; RIDENTI, 1998).

Os professores podem reforçar a desigualdade de gênero quando não se posicionam criticamente, e sem maiores ponderações, diante de atitudes preconceituosas de alunos e de colegas de trabalho. É necessário a escola trabalhar essa questão de forma mais enfática, pois precisa seguir a evolução da sociedade nos seus aspectos culturais.

No item da Tabela 1 – que se refere à percepção de preconceito dos professores contra as mulheres no curso de Mecânica, 15,9% disseram que sim, enquanto 84,1% disseram que não.

Fato interessante para reforçar esses dados é a informação de Kovaleski; Pilatti; Cortes (2005, p. 2) sobre a participação da mulher na escola, “para a instrução das mulheres, o grande século é o século XX. Por exemplo, a França que apresentava 624 estudantes de sexo feminino em 1900 passou a ter 520.000 em 1990, sendo 70.000 a mais que os estudantes de sexo masculino”. No Brasil, no ano 2000, dos 2.694.245 estudantes universitários 1.515.352 são mulheres (INEP, 2001).

Esse crescimento acadêmico e populacional permitiu à mulher alcançar áreas de estudo e profissionais que até então eram dominadas pelo gênero masculino.

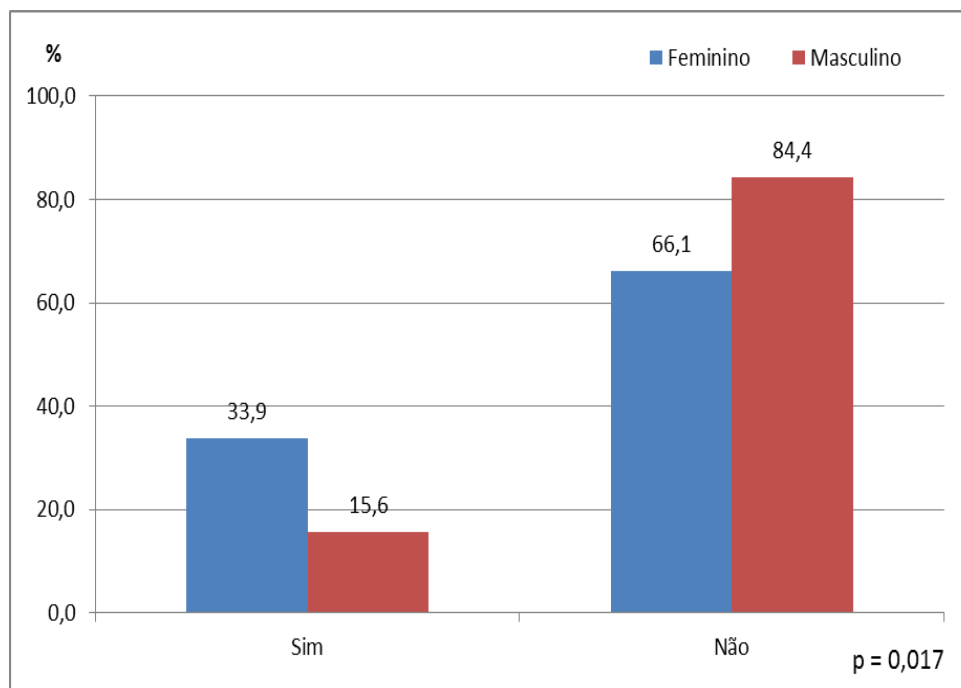


Gráfico 1: Presenciou algum tipo de preconceito?

Como é demonstrado na Gráfico 1, 33,9% do feminino e 15,6% do masculino presenciaram algum tipo de preconceito no curso de Mecânica do IFES. Nesse caso, o gráfico apresenta nível de significância nessa situação com relação ao gênero.

Silva (2001, p. 6) informa que os alunos e alunas percebem a existência da discriminação do trabalho da mulher. O que se confirma com o relato de que a mulher tem que mostrar que ela é tão boa quanto o homem, já que é essa ideia”.

Para Ferreira (1998, p. 280), o preconceito é discutido com base em diversas áreas do saber humano, pois, de forma geral, ele “é entendido como um conceito antecipado, juízo estabelecido de compreensão prévia, um conceito formado anteriormente”.

Sendo assim, o preconceito de gênero encontra-se diretamente relacionado à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões fixos daquilo que é próprio para o feminino, bem como para o masculino. Isso significa que as questões de gênero têm ligação direta com a disposição social de valores, desejos e comportamentos no que tange à sexualidade (GUIMARÃES, 2010).

Louro (2012, p. 61) informa que as escolas na verdade produzem as diferenças, distinções, desigualdades, algo que elas entendem bem. “Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos - tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face dos resultados iniciais desta investigação, foi possível notar resistência à presença da mulher no curso de Mecânica, considerando ainda como mais adequado aos homens. No problema levantado para esta pesquisa, constatou-se que há nível de significância em relação ao gênero feminino e masculino no curso técnico de Mecânica do

Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória. Isso revela a discriminação por parte de alunos e professores no tocante à temática de gênero na educação brasileira, mostrando com isso a necessidade de discutir esse ponto nos programas curriculares da escola.

Quanto à hipótese de investigação desta pesquisa em relação ao preconceito contra o gênero feminino, esse fato contribuiu para a queda no desempenho acadêmico (nota) no curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória.

Após a análise da relação do gênero feminino e masculino no curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, percebeu-se que, considerando o objetivo traçado para esta pesquisa, há um nível de significância quanto ao preconceito contra o gênero feminino, como é demonstrado no gráfico 1. Nesse contexto, observa-se que há necessidade de política interna na instituição com o intuito de amenizar essa problemática.

Ao averiguar se existe tratamento diferenciado, nas aulas, para o gênero feminino e masculino no curso técnico de Mecânica do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, percebeu-se que há nível de significância nesse item, como demonstraram o Gráfico 1 e a Tabela 1 em relação ao preconceito contra o gênero feminino. É necessária uma postura de atuação coerente por parte da instituição dos professores e dos alunos do referido curso para que essa barreira no processo de ensino-aprendizagem seja superada.

Após essas considerações, cabe recomendar uma revisão na realização dos programas curriculares para a abordagem de gênero e sexualidade na escola, além de estímulo ao gênero feminino para que não desista do curso de Mecânica durante sua vida acadêmica.

Sugere-se para isso a continuidade desta pesquisa para melhor participação do gênero feminino no curso de Mecânica, além do envolvimento dos professores em cursos de gênero e sexualidade na escola. Diante disso, aos gestores educacionais cabe pôr em prática programas executados pela escola e certificarem-se de que a questão de gênero é bem desenvolvida na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BAUDELLOT, C.; ESTABLET, R. Allez lês filles! [Compte rendu]. **Revue française de pédagogie**. Paris, v. 1001, n. 1, p. 123-124, 1992.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CHIES, P. V. **Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis/SC, v. 18, n. 2, p. 352, mai./ago. 2010.

CONCEIÇÃO, A. C. L. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. **Rev. Brasil. Sociol. Emo.**, v. 8, n. 24, p. 738-757, dez. 2009.

FELIPE, J. **Educação para a igualdade de gênero: proposta pedagógica**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Rev. Salto para o futuro: Educação para a igualdade de gênero. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, ano XVIII, boletim 26, nov, p. 03-14, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.



FERREIRA, M. J. R. **Escolarização e gênero feminino**: um estudo de caso no EMJAT/CEFETES. 2007. 98 f. Monografia (Especialização em Educação Profissional de Jovens e Adultos) – Gerência de Pós-Graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo, Vitória, 2007.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. esp., p. 31-38, 2003.

FRANÇA, F. F.; FELIPE, D. A.; CALSA, G. C. Gênero, sexualidade e meios de comunicação: uma abordagem crítica desses conceitos na educação. **Rev. Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, Maringá/PR, v. 13, n. 1, p. 37-53, jan./jun. 2008.

FREITAS, H. et al. O método de pesquisa survey. **Rev. de Administração**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 105-112, jul/set, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, L. C. **Relações de gênero na escola: contribuições da prática docente para a desmistificação de preconceitos em relação ao sexo**. 2010. 69f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Curso de Pedagogia, Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Recife.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP. **Sinopse estatística da educação superior – 2000**. Brasília: INEP, 2001.

KOVALESKI, N. V. J.; PILATTI, L. A.; CORTES, L. C. **As escolhas de curso de tecnologia pelas mulheres**: qual formação para quais papéis sociais? O caso das estudantes do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – Unidade de Ponta Grossa. Trabalho apresentado no XI Seminário Latino-Iberoamericano de Gestão Tecnológica - ALTEC, Salvador/BA, 2005. Disponível em: <[http://pg.utfpr.edu.br/dirppg/ppgep/ebook/2005/E-book%202006\\_artigo%2080.pdf](http://pg.utfpr.edu.br/dirppg/ppgep/ebook/2005/E-book%202006_artigo%2080.pdf)> Acessado em: 05 mar. 2015.

LEOPARDI, M. T. et al. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2001.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MARINHO, I. B.; FERREIRA, M. J. R. Os sujeitos do PROEJA: a participação da mulher no curso técnico integrado de segurança do trabalho no Ifes – campus Vitória, **Rev. Debates em Educação Científica e Tecnológica**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 47-56, 2011.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

NADAI, E. A educação de elite e a profissionalização da mulher brasileira na primeira república: discriminação ou emancipação. **Rev. Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 5-34, jan./dez. 1991.

NADER, M. B. **Mulher**: do destino biológico ao destino social. 2. ed. Vitória: EDUFES/Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2001.

PINHEIRO, L. (Coord.) **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011.

Rosa, A. C.; Rockenbach, A.; Comiran, F.; Hoffmann, P. C.; Silva, E. A. R. Um estudo exploratório sobre o preconceito entre alunos de psicologia. **Revista Akropolis**, Umuarama, v. 16, n. 3, p. 179-191, abr./jun. 2008.

SILVA, N. S. **Aluno/a de curso técnico-profissional “masculino” ou “feminino”**: reflexões acerca das representações sobre seu futuro profissional. 2001. Disponível em: <<http://www.portalanpedsul.com.br>>. Acessado em: 13 mar. 2014.

TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Decisão de carreira entre estudantes em fim de curso universitário. **Rev. Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 327-334, set./dez. 2005.

THOMAS, J. R; NELSON, J. K. Métodos de pesquisa em atividade física. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2002.

THOMAS, J. R; NELSON, J. K; SILVERMAN. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2006.

VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: Aquino, J. G. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. p. 93-105.